



## **Gabinete do Arcebispo Primaz**

### **HOMILIA**

Ref. HML\_19/2017

Homilia no Pontifical  
de celebração das Bodas de Ouro

Braga, 14.Jul.2017, 18h

### **Servo por amor**

Cinquenta anos de sacerdócio é uma oportunidade única para me centrar no essencial do meu ministério. Faço-o à luz da misericórdia omnipresente de Deus. Ao mesmo tempo, e integrado nesta Igreja Particular de Braga, quero deter-me no Programa Pastoral deste ano. Com Maria e como Maria, propusemo-nos a olhar para as várias dimensões da vida, numa atitude contemplativa, para a transformar a partir de dentro. Áreas tão amplas quanto o trabalho e a família, mas também a celebração e o anúncio do Evangelho.

A vida cristã, para ser autêntica, deve beber da fonte da contemplação para se retemperar e retomar vigor para a caminhada. O sacerdote, e quero rever a minha vida sacerdotal e pedir aos sacerdotes que façam o mesmo comigo, deve também procurar o rosto de Deus, numa postura humilde, para que o cansaço não se apodere de si e a alegria do ministério possa sobressair. Procurar o rosto de Deus começa por um sério exame de consciência e depois transforma-se numa oportunidade para louvar as maravilhas que Deus vai realizando. O sacerdócio apenas se compreende no amor e “este, para ser autêntico, é sempre contemplativo”.

O ano mariano que vivemos reforça esta consciência. Na verdade, Maria aprofundou o Mistério que a habitava desde o momento da Incarnação até ao Calvário. Toda a sua vida foi transparência contagiante deste modo de encarar a existência. Basta-nos pensar no encontro com Isabel. A sua presença introduziu o mistério de Deus por meio de palavras sábias, as quais levaram Maria a exultar com o *Magnificat*.

Num mundo que teima em ignorar a presença de Deus na História, é fundamental inverter este rumo e apresentá-Lo com uma linguagem inteligível. Não estaremos nós a usar uma linguagem que não encontra ressonância na gramática moderna? Creio, neste sentido, que os gestos, mais do que as palavras, podem ser sinais significativos da presença de Deus. Pelas acções transformamo-nos em contemplativos activos, atingimos as periferias da existência e recuperamos um necessário equilíbrio espiritual. Trata-se de uma mudança de paradigma na qual, ao mesmo tempo que crescemos na intimidade com o Senhor, lemos os sinais dos tempos e actuamos na realidade segundo critérios evangélicos.

A nossa vida cristã, que encontra no baptismo a fonte do sacerdócio, é o lugar teológico da contemplação e da conversão. Não precisamos de sinais extraordinários ou de milagres para perceber que o verdadeiro milagre é a consagração da nossa vida a Deus. E esta proximidade afectiva, esta



santidade de vida transforma o nosso olhar. Quando o nosso coração entra em sintonia com Deus, até as coisas mais simples são causa de alegria. Assim como, ao invés de um olhar pessimista, vemos a realidade com olhos de misericórdia e de ternura. Conhecemos, porventura, algum santo amargurado, ácido e pessimista? Que precisamos mais para sermos alegres do que a absoluta certeza de que Deus nos acompanha e o Espírito nos inspira?

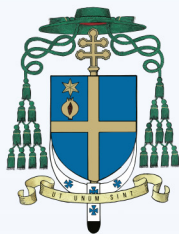
A vida contemplativa cruza-se com a vida activa. Nenhuma acção evangelizadora é fecunda se não permanecer vinculada à raiz que é Cristo. “Sem mim, nada podeis fazer” (Jo 15, 5). Isto significa que todos os nossos projectos e sonhos, por melhor pensados que sejam, serão ineficazes se não partirem desta intimidade coloquial. É o regresso a Cristo que fortalece a nossa identidade – de ser sacramento universal de salvação – e confere vitalidade à novidade que, por todos os meios, procuramos transmitir. Ser sacramento, ou sinal visível da graças de Deus, acontece por meio da adesão sincera dos sacerdotes, a quem Cristo cativou e pede correspondência voluntária. Um amor primeiro e sincero não admite concorrências deturpadas. Como sabemos, quem permanece longe de Cristo apenas tem para oferecer vazio e ilusões. “Só Deus basta” é um refrão privilegiado no nosso ministério de anúncio.

Este estilo de vida expressa-se numa conduta de vida onde a Palavra nos orienta para três atitudes constitutivas do agir cristão e eclesial: Contemplativos no mundo, vivemos para a **consagração**, para a **comunhão** e para a **missão**.

A **consagração** conduz a uma relação teologal com Deus e plasma-se numa vida pautada pela amizade e por um estilo de vida que é, necessariamente, espiritual. Deus não é um amigo com quem nos encontramos ocasionalmente. A nossa vida deve, por isso, ser epifania daquilo que sentimos interiormente e da amizade que nutrimos por Deus. Trata-se de uma consagração vital que preenche toda a existência. Este movimento do espírito é particularmente significativo num ambiente de secularização ou de afastamento da Igreja. Pergunto-me se as pessoas, quando se aproximam de nós, de facto reconhecem uma vida de intimidade e de oração? A história da Igreja mostra-nos como a sociedade foi marcada por homens de Deus, onde a oração era o caminho para manter sempre viva a experiência de um amor solene e alegre.

Desta relação teologal, partimos para a **comunhão** fraterna. Por não sermos pessoas solitárias, acreditamos que é a fraternidade que nos congrega e une. Não são as estruturas que salvam a Igreja. Há um ADN que nos diferencia, o de sermos um corpo de irmãos que se ama verdadeiramente e sem complexos. Amor concreto entre todos e cada um, entre todas as instituições que perdem a sua identidade quando são ilhas ou arquipélagos, para que o mundo, vendo como nos amamos, acredite em Deus que é amor. O amor vive-se entre todos, é certo, mas faz-se carne com respostas concretas e corajosas, quando opta por quem sofre e vive com carências.

A aproximação a Deus e a comunhão fraterna poderia ser interpretada como um processo de auto-comprazimento ou a procura de uma alegria auto-referencial. Em tudo olhamos, por isso, para Cristo. Ele, o Verbo incarnado, é o enviado de Deus que abraça uma **missão** até ao abandono do Calvário. O sacerdote, assim como qualquer cristão, manifestam a sua autêntica identidade quando, mergulhados no mundo, exercem uma missão com alegria e paixão. Não somos profissionais do sagrado! Somos



consagrados para doar uma vida em favor do povo. É ele, o povo de Deus, quem nos motiva e nos dá ânimo, mesmo à custa do nosso sacrifício e abnegação. Com espírito de resiliência e de sentido de fé, estamos disponíveis para acolher com generosidade e servir sempre com o desprendimento de trabalhadores que nada pretendem para si. Quando a vida cristã é expressão de um amor oblativo, que nada pretende nem espera em troca, o cêntuplo surge quando menos se espera.

Envolvido nesta graça de cinquenta anos de sacerdócio, tentei não proferir doutrinas eloquentes. Situei-me numa atitude de exame de consciência para continuar a viagem da vida que gostaria que fosse santa. Ficaria imensamente grato a Deus que os sacerdotes da Arquidiocese fizessem este exame comigo. Reconhecer a prioridade absoluta de Deus na vida como Maria, ter alegria na relação pessoal com a Trindade, na comunhão fraterna a nível de presbitério e das comunidades para amar os mais pobres e numa atitude de missão e de consagração.

Louvo a Deus por ser padre desta Arquidiocese e quero continuar a oferecer a minha vida, que Deus me concedeu, pelos sacerdotes e, nestes, a todo povo desta histórica Arquidiocese. Que a Santa Maria de Braga, S. Martinho de Dume, S. Frutuoso, S. Geraldo e, particularmente, o Beato Bartolomeu dos Mártires a todos acolham e nos entusiasmem.

---

† Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*